



TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

TEATRO CARLOS ALBERTO
6—16 MAR 2025

Sul

ESTREIA

texto original e encenação

Tiago Correia

cenografia
Ana Gormicho

figurinos
Sara Miro

desenho de luz
Pedro Nabais

realização e desenho
de vídeo
Francisco Lobo

apoio à realização
e desenho de vídeo
Rodrigo Rodrigues

música original
André Júlio Turquesa

desenho de som
Filipe Louro

direção de produção
Inês Arinto

produção executiva
Silvia Duarte

direção de comunicação
Catarina de Dios Fonseca

design de comunicação
Francisco Ribeiro

apoio à montagem
da cenografia
Luís da Silva

interpretação
Francisca Sobrinho
**Francisco Pereira
de Almeida**
Virgílio Castelo

produção
A Turma

coprodução
Cineteatro Louletano
Teatro Nacional São João

dur. aprox. 1:15
M/14 anos

qua+qui+sáb 19:00
sex 21:00
dom 16:00

“O que resta em nós de humano”

TIAGO CORREIA

Sul é a segunda parte do díptico formado com *O Salto*, mas na verdade foi o ponto de partida. Era, pelo menos, o ponto de chegada.

Tratava-se de traçar uma ponte entre o nosso passado recente e o nosso presente, de me questionar sobre como é que, em pouco mais de cinquenta anos, nos transformámos no que somos hoje.

Os dois espetáculos deveriam ser autónomos e independentes, mas também compor, no seu conjunto, uma espécie de espelho, refletindo sobre a temática das migrações de diferentes maneiras. Primeiro, na perspetiva dos que partem. Depois, na perspetiva dos que acolhem. O que eu não sabia ainda é que viria a existir uma personagem comum (o Leonel), assim como a narrativa de uma família, iniciada em *O Salto*, e que atravessa três gerações até aos dias de hoje.

Interessava-me explorar um pouco mais a forma como é sentida a experiência da migração pelas gerações seguintes, que já nascem nos países de acolhimento, com mais ou menos ligação aos países de origem. De que maneira se sentem e fazem sentir nesses países, como se relacionam com as suas raízes, e como cada uma destas gerações se posiciona e integra hoje, social e culturalmente, nos países onde vivem e onde expressam a sua vontade política.

Em três anos, muito aconteceu e mudou no mundo, e de algum modo isso está implícito na peça. Podia enumerar algumas motivações mais fortes: a ascensão da extrema-direita na Europa e depois em Portugal; como tudo mudou em tão pouco tempo; como o tema das migrações se tornou uma arma de arremesso político – como se o seu mediatismo convertesse automaticamente mitos em realidade; os escândalos que foram sendo revelados sobre tráfico humano no nosso país; a frieza perante a exploração e o sofrimento do outro; a falta de empatia; o medo que inflama o racismo; o retrocesso em questões básicas; os comentários nas redes sociais e jornais digitais; e, principalmente, a contradição de existirem portugueses

que sofreram na pele os traumas e as dificuldades de uma mudança forçada, deixando tudo para trás, promovendo agora, eles próprios, discursos de ódio e votando nos mesmos que, num passado recente, os obrigaram a emigrar.

De tudo isto, ficou-me acima de tudo esta contradição sombria, quase incompreensível, sobre o que ainda somos, sobre o que resta em nós de humano. E, de facto, esta é para mim a verdadeira tragédia e o verdadeiro tema de *Sul*.

Michelle acreditava ser possível fazer a diferença através das grandes ou pequenas coisas. Para ela, aproveitar o tempo que lhe restava com a avó, fundar uma editora para publicar livros de autores exilados em França, ou procurar um homem de quem todos a tentaram proteger, porque não pode aceitar a ideia de que a família o deixe morrer ao abandono (ainda que ele tenha abandonado a família) – são a mesma coisa. Fazem parte de uma forma de resistência, como se, com amor, se pudesse salvar a humanidade.

Talvez fosse uma grande fantasia, a de Michelle, tendo em conta que o seu mundo e o nosso são o mesmo, que todos vivemos no mesmo mundo.

Mas nós, que fazemos teatro, que acreditamos no teatro, que desejamos o poder transformador e catalisador do teatro, talvez sejamos ainda um pouco como ela... Pelo menos enquanto a nossa circunstância for o teatro, naquilo que um ato (de amor) coletivo tem de político em si mesmo.

Em *Sul*, abrem-se várias portas. No final, porém, parece não existir nenhuma saída, nenhuma moral, nenhum conforto. Somos arrebatados pela imprevisibilidade e violência do destino. Mas não. Lá no fundo, espero que não. Não é o destino.

É a nossa responsabilidade. ■

Depois do salto até ao Norte magnético, o salto para um Sul que se tornou Norte e chamariz para os países do “Sul global”

REGINA GUIMARÃES*

Toda a história é redonda como a terra.

EDUARD GLISSANT, *Traité du Tout-Monde*

1. Díptico

Explicou-me o Tiago Correia – na conversa telefónica anterior a mais este mergulho na sua escrita desafiante – que sempre teve em mente *O Salto* ser o primeiro painel de um retábulo teatral, de cujo fecho agora se dá a conhecer a matéria e a forma, incomodamente especulares.

Entre *O Salto* e *Sul*, um migrante, Leonel de seu fero nome, faz as vezes de fio condutor numa enredada meada, densa de determinismos e predestinações. Só mesmo gente como nós, carregada e encarregada dum pesada herança simbólica feita de fados, saudades e agoiros, ora em jeito de trovas, ora à laia de pregações, consegue, graças a intensivo treino, manter à distância a ideia de que todas as histórias de todos os sujeitos foram de há muito inscritas num palimpsesto cuja leitura nos está, por divina caridade, vedada.

Agora a sério: o Leonel de *O Salto* salta mesmo para o *Sul* da sua matéria madrastra e salta também para o futuro do seu passado, que é o nosso, presentemente. Ao salto espacial e temporal corresponde uma substancial alteração da condição dos Leonéis em lusas paragens. Alteração cuja exacta natureza a peça de Tiago Correia subtilmente se coíbe de revelar de rompante, quase sugerindo, bem pelo contrário, uma possibilidade de resgate da odiosa personagem do passador que o primeiro painel do retábulo pintava a negro, por obra e pela graça da sua bem-intencionada descendência. Significa isto que o painel *Sul* se desenrola, até à chegada de um Rapaz (sem direito a nome), numa atmosfera de penumbra semântica pouco condizente com o excesso de luz e calor que envolvem o teatro das operações. A luminosidade e a calidez das terras meridionais, onde Michelle (a descendente) vai ao encontro do seu avô desconhecido, acabam por contrastar

violentamente com a índole tenebrosa de Leonel, sublinhando-a mais ainda do que o desenlace da primeira peça. E isto porque, embora os dois textos se espelhem até ao infinito em *Sul*, a figura de Leonel é não apenas responsável pela desgraça de umas quantas criaturas que vai conseguindo ludibriar, como está na origem da reprodução, assumida e crescentemente bárbara, do sistema de exploração ligado à condição dos trabalhadores migrantes. Ora, foi esse sistema e os seus fundamentos imorais que dele fizeram um incurável pária, em pátria sua ou em pátria alheia.

2. O reverso do regresso

Não é certo ao cabo de quantas trapaças e trampolinices o “instável” Leonel regressa à terra natal, nem se esmiúçam demasiado as circunstâncias precisas que catapultam Michelle, letrada e profissionalmente ligada a letrados, para a descoberta de um avô cuja identidade e existência a família prudentemente silenciou.

Tal como no início de *O Salto*, a peça começa num limbo de indefinição entre vida e morte. Chegamos a Leonel pela mão de Michelle, galhardamente caminhante sob pesada mochila, atafalhada de mantimentos destinados ao azedo ancião. Leonel mora numa *roulotte* “em mau estado”, algures num povoado onde a venda local está nas mãos dum nepalês e onde a polícia cumpre ininterruptas rondas, soltando matilhas de cães.

Nesta aventura de literatura rarefeita, é a própria linguagem que, dum modo peculiar, providencia o preenchimento dos espaços em branco do *puzzle* Leonel/Michelle. Toda a artesanaria dialogista de Tiago Correia se investe na tarefa de criar uma interlocução em que as palavras são arrancadas a saca-rolhas, posto que as personagens, em situação de fingimento de conversa “forçada”, simultaneamente desejam e temem lançar perguntas, arriscando-se a obter respostas demasiado coladas à verdade. Contou-me o Saguenaill, meu companheiro

de todas as lidas e vidas, que, durante o seu périplo por terras da Índia, um autóctone, representativo das crenças e costumes dominantes, lhe garantiu que “a verdade é apenas uma mentira mais difícil de corrigir”.

3. Lugar incomum, lugar incómodo

Estranhar o facto de que os portugueses, emigrantes impenitentes desde há séculos, se tornaram xenófobos nos países onde, em tempos recentes, foram acolhidos (a ponto de votarem em partidos políticos que vociferam contra a imigração e acusam os imigrantes de todos os males sociais), e “mansa” ou “militantemente” racistas na terra onde nasceram, já soa a lugar-comum. Pisar e repisar a expressão desse estranhamento é de bom-tom, tanto mais que aqueles que são objecto de reprovação amiúde possuem baixo capital cultural e simbólico, embora o elevador social lhes tenha eventualmente proporcionado uma assaz confortável mudança de classe. Podem os economistas encartados, os demógrafos exuberantes, os políticos em suas arenas e os teóricos de bancada discorrer acerca das benesses decorrentes da chegada de gentes vindas de remotas paragens, por serem mão-de-obra barata e pouco insurgente, por minimizarem os efeitos calamitosos do envelhecimento da população, por reduzirem com o seu contributo o défice da Segurança Social e por aí fora... nenhum argumentário racional parece capaz de contrariar o receio e subsequente repúdio do “outro”.

Todavia, a opção dramaturgica que Tiago Correia faz é mais ousada, visto que atribui ao dúplice protagonista Leonel plena responsabilidade no jogo impiedoso da escravização dos novos migrantes, disposição porventura resultante do auto-desprezo, do ódio de si próprio (*self-hatred* na língua do império...). Note-se que a personagem de Leonel extravasa a idiosincrasia da sua pessoa e, ainda que não “represente” nenhum grupo, age em função dos credos e das cobiças de um colectivo. Um verlainiano “vent mauvais” empurra-o para uma posição de trans-historicidade, confere-lhe uma espécie de aura negativa que o transcende: ele é o prolongamento, nesta extremidade da Europa, da narrativa colonial, doravante no formato irrisório da anti-epopeia.

O teatro de Tiago Correia toma como objecto de pesquisa laboratorial este lugar-comum que é a linguagem – veículo e trajecto partilhados pelos falantes – e converte-a em lugar incómodo, para o qual convergem venenos letais. Se Michelle morre abatida por um “apenas Rapaz” é porque, encarcerada na *roulotte*, ela assiste ao desmoronamento da ficção que lhe fazia as vezes da vida. E o detonador que força o desabar de uma mitológica origem e correlativa originalidade é o caudal de palavras e o seu viscoso negrume.

Banhar-se duas vezes no mesmo verbo corrente? Tiago Correia responde com um balbuciente mas tremendo NÃO. ■

* Escritora, tradutora e cineasta.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

“Agora que comecei a descobrir, quero ir até ao fim.”

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
(coordenação)
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
(coordenação)
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira
Telma Moreira

som
Joel Azevedo
(coordenação)
Miguel Pereira

vídeo
Hugo Moutinho

APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

APOIOS A Turma

Cap Magellan, Cendrev –
Centro Dramático de Évora,
Centro Cultural Português –
Instituto Camões em Paris,
CEPE – Coordenação do
Ensino de Português no
Estrangeiro (França) / Projeto
Literanto, Maison du Portugal –
André de Gouveia, OTSH –
Observatório do Tráfico de
Seres Humanos do Alentejo

A Turma é uma estrutura
financiada pela



Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Rui Manuel Amaral

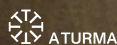
fotografia
Francisco Lobo

design gráfico
João Faria/Drop

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intér-
pretes como para os
espectadores.

O TNSJ É MEMBRO



Com o apoio de:

